

# Contestação ao texto A carta comprometedora de Elias

Só mesmo um amor muito grande pela verdade pode ser capaz de nos fazer superar preconceitos já enraizados na mente. (Maurício C.P.)

Recebemos do próprio autor, via e-mail, o artigo que iremos comentar, no qual ele faz uma contestação ao que colocamos em nosso texto "A carta comprometedora de Elias".

Não intencionava fazer nenhum contra-argumento ao texto, pois estávamos trocando e-mail com o autor, que continuou irredutível no seu ponto de vista. E depois de uma pesquisa na Internet percebemos que o seu artigo já havia se espalhado pela WEB, razão pela qual acabamos por tomar a decisão de falar alguma coisa sobre ele.

Primeiramente cumpre-nos informar que o nosso texto deixou de ser um estudo isolado, passando a compor aquele no qual estudamos "[O caso do arrebatamento de Elias](#)", pois tinha tudo a ver com o assunto aí tratado. É dele que transcrevemos:

## A carta comprometedora de Elias

O escritor Paulo Finotti, autor do livro intitulado *Ressurreição*, dá-nos uma informação interessantíssima. Diz ele:

[...] Posteriormente, a Bíblia informa que Jeorão recebeu uma carta de Elias (II Crônicas, 21:12/15).

Assim, quando Jeorão, rei de Judá, começou a reinar, já havia ocorrido o que está escrito em II Reis 2:11,12, e se Elias ainda podia enviar uma carta ao rei Jeorão é porque, após a sua "ascensão", continuava aqui na terra profetizando para o reino de Judá. (FINOTTI, 1971, p. 26-27).

Engraçado como muitas vezes não enxergamos o óbvio, pois, realmente, segundo a narrativa bíblica citada, Elias, depois de ter sido supostamente arrebatado, enviou mesmo uma carta a Jorão, filho e sucessor de Josafá, de Judá. Confirmam isso os tradutores da Bíblia de Jerusalém, quando nos oferecem a seguinte explicação para essa passagem: "De acordo com a cronologia de 2Rs, Elias tinha desaparecido antes do reinado de Jorão de Israel (2Rs 2; 3,1) e, portanto, antes de Jorão de Judá (2Rs 8,16; cf. no entanto 2Rs 1,17). O cronista deve utilizar uma tradição apócrifa." (p. 607).

Mas o que há de extraordinário nisso? Bom; se a passagem mencionada for verdadeira, e aqui os defensores da inerrância bíblica, por coerência, não podem aceitá-la de outro modo, estaremos diante de duas alternativas:

1ª) que Elias não foi arrebatado, aos céus, mas, sim, na forma entendida pelos servos de Eliseu, isto é, que Elias tenha sido levado para algum monte ou algum vale, já que envia uma carta. Isso, para nós, é o mais provável que tenha de fato ocorrido, uma vez que é difícil sustentar que alguém tenha sido arrebatado de corpo e alma, levando-se em conta que, se "*Deus é espírito*" (Jo 4,24), nós também somos seres espirituais, já que fomos criados à Sua imagem e semelhança. Por outro lado, se "*o espírito é que dá vida, a carne não serve para nada*" (Jo 6,63) e que "*a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus*" (1Cor 15,50), não há como compatibilizar corpo físico na dimensão espiritual.

2ª) por certo essa poderá deixar alguns fanáticos perplexos; é que, se aceitarmos que não há exceção nas Leis Divinas, Elias morreu, fato que acontece com todo ser humano; daí, por força das circunstâncias, teremos que admitir que, do plano espiritual, ele envia uma carta ao rei. Portanto, uma ocorrência mediúnic, com alguém servindo de médium para receber essa carta e enviá-la ao destinatário, significando isso uma autêntica psicografia.

A título de curiosidade, observamos que os termos usados nessa narrativa aparecem, nas diversas traduções bíblicas, ora como “uma carta”, ora como “uma mensagem” e ora como “um escrito”; mas, no fundo, tudo isso é a mesma coisa. Lembramo-nos aqui do saudoso Chico Xavier que recebia, com facilidade, uma imensidão de cartas dos “mortos”.

Na primeira hipótese acima citada, não há nenhum fato bíblico entre “os arrebatados” que venha a sustentar a possibilidade de que, em algum momento, um deles tenha se comunicado, por qualquer meio, com os encarnados. Entretanto, quanto à segunda hipótese, ou seja, a de que Elias tenha morrido, podemos comprovar bíblicamente, por dois acontecimentos, os quais vêm apoiar uma ocorrência dessa ordem.

O primeiro é um fenômeno mediúnicos de psicofonia, que se encontra narrado em 1Sm 28,1-25, onde se relata a ocasião em que o rei Saul vai a Endor, para que, através de uma pitonisa (médium), que residia nessa localidade, pudesse aconselhar-se com o profeta Samuel, já desencarnado. Como estava numa situação angustiante, pois se encontrava cercado pelo exército dos filisteus, queria saber do espírito Samuel, que, quando encarnado, fora profeta em seu próprio reinado, sobre o seu futuro em relação a essa iminente guerra.

O segundo, sempre “esquecido” dos contraditores da comunicação com os “mortos”, é quando os espíritos de Moisés e Elias apareceram a Jesus, Pedro, Tiago e João, e conversaram com o Mestre (Mt 17,1-9; Mc 9,2-10; Lc 9,28-36). Classificamos esse fenômeno mediúnicos como de “materialização”, pois esses dois espíritos também foram vistos pelos três discípulos que testemunharam o fato, os quais, ao que tudo indica, deviam ser os médiuns doadores da energia necessária para a produção do fenômeno, a qual chamamos de ectoplasma. Inclusive, podemos observar que, nos principais fenômenos mediúnicos produzidos por Jesus, vistos por alguns como milagres, os três apóstolos citados eram convidados por Ele, para deles participarem, certamente porque Jesus sabia que, só os três, entre os que O seguiam, possuíam essa energia de forma mais acentuada.

Há ainda um outro evento, que nunca é falado, pois não teria como ser negado: trata-se do acontecido com o próprio Jesus, que depois de morto comunicou-se com inúmeras pessoas. E, plagiando o que o apóstolo dos gentios disse aos coríntios, diríamos: “Pois se os mortos não se comunicam, também Cristo não se comunicou. Se Cristo não se comunicou, ilusória é a nossa fé”.

Assim, com essa carta de Elias, acreditamos estar diante de mais uma ocorrência bíblica, que vem provar a comunicação entre os dois planos da vida, embora negada sistematicamente por alguns, mas que pode ser considerada como corroborada pela própria Bíblia, quando Moisés proíbe a comunicação com os mortos (Dt 18,9-14), já que Moisés não era tão louco assim para proibir algo que não exista. Está, portanto, comprovada bíblicamente, a realidade da comunicação entre os habitantes do mundo físico com os do mundo espiritual. E como diria Jesus: “*Quem tem ouvidos, ouça*” (Mt 11,15).

Antes de passarmos para a análise do texto que contradiz o nosso, vamos colocar a cronologia dos fatos, pois sem isso, tudo se tornará confuso, e aproveitando-se dessa confusão é que certos autores buscam justificar seus pensamentos.

ano	Israel				Judá			
874	Acab-1° (1)							
873	Acab-2°			Elias				
872	Acab-3°			Elias	Josafá-1° (2)			
871	Acab-4°			Elias	Josafá-2°			
870	Acab-5°			Elias	Josafá-3°			
869	Acab-6°			Elias	Josafá-4°			
868	Acab-7°			Elias	Josafá-5°			

ano	Israel			Judá			
867	Acab-8°			Elias	Josafá-6°		
866	Acab-9°			Elias	Josafá-7°		
865	Acab-10°			Elias	Josafá-8°		
864	Acab-11°			Elias	Josafá-9°		
863	Acab-12°			Elias	Josafá-10°		
862	Acab-13°			Elias	Josafá-11°		
861	Acab-14°			Elias	Josafá-12°		
860	Acab-15°			Elias	Josafá-13°		
859	Acab-16°			Elias	Josafá-14°		
858	Acab-17°			Elias	Josafá-15°		
857	Acab-18°			Elias	Josafá-16°		
856	Acab-19°			Elias	Josafá-17°		
855	Acab-20°			Elias	Josafá-18°		
854	Acab-21°			Elias	Josafá-19°		
853	Acab-22°	Acazias-1° (3)		Elias	Josafá-20°		
852		Acazias-2°	Jorão-1° (4)		Josafá-21°		
851			Jorão-2°		Josafá-22°	Jorão?	
850			Jorão-3°		Josafá-23°		
849			Jorão-4°		Josafá-24°		
848			Jorão-5°		Josafá-25°	Jorão-1° (5)	
847			Jorão-6°			Jorão-2°	
846			Jorão-7°			Jorão-3°	
845			Jorão-8°			Jorão-4°	
844			Jorão-9°			Jorão-5°	
843			Jorão-10°			Jorão-6°	
842			Jorão-11°			Jorão-7° (6)	Elias
841			Jorão-12°		Acazias (7)	Jorão-8°	
(1) 874-853 a.C., p. 169;							
(2) 872-848 a.C., p. 180.							
(3) 853-852 a.C., p. 173.							
(4) 852 a.C., p. 174; fim 843 ou 842 a.C., p. 176;							
(5) 848-841 a.C., p. 183.							
(6) Época provável em que Jorão de Judá recebeu a carta de Elias, repreendendo-o por seu comportamento e na qual se prevê sua morte por uma doença grave que consumiria os seus intestinos, o que ocorreu dois anos depois. (2Cr 21,12-20).							
(7) 841 a.C., p. 181.							

Os dados que usamos para montar essa cronologia foram retirados do livro *História de Israel* (p. 169-183), de Samuel J. Schultz (1914–2005). É nele também que nos baseamos para calcular a época provável que Jorão teria recebido a carta de Elias:

“Elias, o profeta, repreendeu severamente a Jeorão em forma escrita (veja 2Cr 21:11-15). Por meio disso, Jeorão foi avisado do juízo iminente que lhe sobreviria por ter morto a seus irmãos e por ter conduzido Judá pelos caminhos pecaminosos do reino do Norte. O melancólico futuro guardava uma praga para Judá, e uma doença incurável para o próprio rei”. (SCHULTZ, 1995, p. 183). (grifo nosso).

Vejamos nestes outros documentos, o período de reinado dos personagens bíblicos envolvidos:

Bíblia	Reino de Israel			Reino de Judá	
	Acab	Acazias	Jorão	Josafá	Jorão
1 - de Jerusalém	874-853	853-852	852-841	870-848	848-841
2 - Do Peregrino	874-853	853-852	852-841	870-848	848-841
3 - Vozes	874-853	853-852	852-841	871-848	848-841
4 - Ave Maria	873-853	853-852	852-842	870-848	848-841
5 - Santuário	873-853	853-852	852-842	870-848	848-841
6 - Sheed	874-853	853-852	852-841	870-848	848-841
7 - Anotada	874-853	853-852	852-841	873-848	848-841

Como se vê, as divergências são poucas e nada influem no assunto que estamos tratando, especialmente quanto ao início dos reinados de Jorão de Israel e de Jorão de Judá.

Vamos à análise do artigo do nosso contraditor.

#### ELIAS E A CRONOLOGIA DOS REIS

*Será que o profeta enviou uma carta do além para o rei Jeorão?*

Uma leitura superficial da bíblia e o desconhecimento dos costumes de época podem produzir conclusões absurdas a respeito dos fatos bíblicos, como veremos no seguinte exemplo:

II Rs. 2.11 – Elias foi arrebatado.

II Rs. 3.1 – Começa o reino de Jorão em Israel.

II Rs. 8.16 – Começa o reino de Jeorão em Judá (5 anos depois do início de Jorão).

II Cr. 21.12 – Elias escreve uma carta para o rei Jeorão de Judá.

Observando-se tal sequência, surge a pergunta: Como Elias poderia ter escrito essa carta, se ele havia sido arrebatado muitos anos antes?

Algumas pessoas (espíritas) (desta vez não vou citar os nomes) sugerem duas explicações alternativas:

1 - Elias não foi arrebatado. Ele estava na terra quando escreveu a carta. Logo, o texto sobre o arrebatamento é apócrifo, ou seja, falso.

2 - Elias morreu e enviou uma carta psicografada para o rei através de um médium.

Da mesma forma poderíamos falar que o fanatismo leva as pessoas a não enxergar o óbvio, levando-as a aceitarem como verdade todas as coisas que estão narradas na Bíblia, por mais absurdas que sejam. É o verdadeiro "creio, ainda que absurdo".

Nosso estudo não foi superficial como quer levar a crer o contraditor; provavelmente o dele, sim; é o que iremos descobrir até o final; tanto é que, além desse texto, ainda temos um outro relacionado ao tema arrebatamento: "[Os arrebatamentos na Bíblia](#)" e "[Henoc teria sido arrebatado?](#)".

Não sabemos se já é por nossa implicância, mas sempre estamos "lendo" nas entrelinhas de textos de contraditores que somente eles é que são capazes de entender ou interpretar a Bíblia, parecendo-nos que se consideram "iluminados", os únicos agraciados por Deus com inteligência para tal coisa. Se não for o caso em questão, que nos desculpe o autor.

Vejamos as datas relativas aos fatos listados:

2Rs 2,11: Elias foi arrebatado – fato acontecido por volta do ano 853 a.C.;

2Rs 3,1: Começa o reino de Jorão em Israel – início em 852 a.C.;

2Rs 8,16: Começa o reino de Jorão em Judá – início em 848 a.C.;

2Cr 21,12: Elias escreve uma carta para o rei Jorão de Judá – por volta de 842 a.C.

Assim, vemos que a carta de Elias foi escrita cerca de dez a onze anos depois de seu sumiço, que se deu, segundo crença, por ele ter sido arrebatado ao céu de corpo e alma. Isso parece-nos totalmente ilógico e fora da realidade, pois, se assim pensassem os que

viviam à sua época, não teriam a menor preocupação de procurá-lo em algum lugar, como de fato, aconteceu, e se encontra narrado em 2Rs 2,15-16: *“... vieram ao seu encontro e se prostraram por terra, diante dele. Disseram-lhe: ‘Há aqui com teus servos cinquenta homens valentes. Permite que saiam à procura de teu mestre; talvez o Espírito de Iahweh o tenha arrebatado e lançado sobre algum monte ou em algum vale’. Mas ele respondeu: ‘Não mandeis ninguém’”*. (grifo nosso). Trata-se de Eliseu a pessoa aqui citada, foi ele o profeta que assumiu o lugar de Elias.

Em relação a Elias temos a confirmação de que ele sumiu no tempo de Acazias, filho de Acab, conforme nos atesta o historiador Flávio Josefo (37-103 d.C.): *“Foi sob seu reinado que Elias desapareceu sem que jamais se tenha podido saber o que aconteceu a ele”*. (JOSEFO, 2003, p. 225). Isso nós confirmamos pelo Dicionário Prático Barsa, que assim afirma: *“Elias viveu no tempo de Acab, rei de Israel (872-854 a.C.) e seu sucessor Ocazias”* (p. 86). Portanto, na época que Jorão de Judá reinou, levando-se em conta os dados um pouco mais acima, Elias já havia desaparecido.

Por que foi fácil se espalhar a ideia de que Elias teria mesmo ido fisicamente para o céu? Ora, os hebreus nem mesmo tinham uma vaga crença numa vida após morte, fato que se pode ver nas bênçãos e maldições relacionadas aos Dez Mandamentos, uma vez que, em nenhum dos casos havia pena ou prêmio para uma sobrevida, em qualquer condição que ela fosse. Ademais, sabemos que achavam que o azul celeste era feito de material sólido; daí o nome de firmamento, o qual tinham como a morada de Deus. A lenda da construção da Torre de Babel, corrobora essa crença. Assim, a ideia de ir morar definitivamente com Deus num plano, para eles, totalmente material não lhes era impossível.

Seria igualmente absurda a seguinte análise:

Mc. 6.16 – João Batista foi degolado, por ordem de Herodes.

Mc. 6.20 – Herodes ouve mensagens de João Batista.

Seriam mensagens do além? Como Herodes poderia ouvir João no versículo 20, se ele morreu no versículo 16? (E olha que não tinha fita cassete, nem DVD nem MP3). É claro que um questionamento desse tipo não resiste a uma leitura atenta dos versículos 16 até 29. O exame do contexto é um dos princípios magnos da hermenêutica. A interpretação bíblica não pode ser feita com segurança a partir de versículos isolados. O verso 16 cita a morte de João e os versículos seguintes vão explicar as circunstâncias de sua morte, ou seja, vão narrar os últimos fatos da sua vida. Logo, não há que se falar em psicografia (tá amarrado!), mediunidade (tá queimado!), nem coisa parecida (tá amarrada também!).

Maior absurdo é colocar isso para justificar o que falamos, quando, na verdade, uma coisa nada tem a ver com a outra; vejamos:

*“Herodes, ouvindo essas coisas, dizia: ‘É João, que eu mandei decapitar, que ressuscitou!’. Herodes, com efeito, mandara prender João e acorrentá-lo no cárcere, por causa de Herodíades, a mulher de seu irmão Filipe, pois ele a desposara e, na ocasião, João dissera a Herodes: ‘Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão’. Herodíades então se voltou contra ele e queria matá-lo, mas não podia, pois Herodes tinha medo de João e, sabendo que era homem justo e santo, o protegia. E quando o ouvia, ficava muito confuso e o escutava com prazer. Ora, chegou um dia propício: Herodes, por ocasião do seu aniversário de nascimento, ofereceu um banquete aos seus magnatas, aos oficiais e às grandes personalidades da Galileia. E a filha de Herodíades entrou e dançou. E agradou a Herodes e aos convivas. Então o rei disse à moça: ‘Pede-me o que bem quiseres, e te darei’. E fez um juramento: ‘Qualquer coisa que me pedires de darei, até a metade do meu reino! Ela saiu e perguntou à mãe: ‘Que peço?’ E ela respondeu: ‘A cabeça de João Batista’. Voltando logo, apressadamente, à presença do rei, fez o pedido: ‘Quero que, agora mesmo, me dê num prato a cabeça de João Batista’. O rei ficou profundamente triste. Mas, por causa do juramento que fizera e dos convivas, não quis deixar de atendê-la. E imediatamente o rei enviou um executor, com ordens de trazer a cabeça de João. E saindo, ele o decapitou na prisão. E trouxe a sua cabeça num prato. Deu-a à moça, e esta a entregou a sua mãe. Os discípulos de João souberam disso, foram lá, pegaram o corpo*

*e o colocaram num túmulo”. (Mc 6,16-29). (grifo nosso).*

O que se narra no versículo 20 (trecho negrito) é, em relação à morte de João Batista, uma situação passada e não futura. Se caso fosse futura, aí, sim, teríamos uma mensagem, verdadeira psicografia, vinda do além, quer gostem ou não nossos contraditores. Então o que ocorreu com João Batista não foi o mesmo que aconteceu com Elias; portanto, peca por absurdo tal comparação.

Quanto ao “tá amarrado”, quisera Deus que isso não fosse o caso dos fiéis, cujos líderes os subjagam “amarrando-os” aos seus dogmas e interpretações totalmente fora da realidade bíblica, mas que se aplicam muito bem a seus propósitos de dominação. “Tá queimado”, também quisera Deus que fosse para com o nosso orgulho de achar que somos melhores que os outros, que só nós estamos salvos, num evidente egocentrismo, que nada tem a ver com os ensinamentos de Jesus.

Absurdo semelhante seria dizer que Pedro negou a Cristo 12 vezes: 3 em Mateus, 3 em Marcos, 3 em Lucas e 3 em João.

A apelação para o absurdo não tem sentido algum, pois aqui é mais uma situação que não se aplica ao caso, com a qual o contraditor tenta levar o leitor a uma conclusão equivocada da questão, tendo em vista que as três passagens narram o mesmo fato.

Voltemos, portanto, à história de Elias. Antes de explicar, vamos complicar um pouco mais. Compare II Rs. 1.17 com II Rs. 8.16:

II Rs. 1.17 - “Assim, pois, morreu (Acázias, filho de Acabe) conforme a palavra do Senhor que Elias falara. E Jorão (seu irmão) começou a reinar em seu lugar (em Israel) no ano segundo de Jeorão, filho de Jeosafá, rei de Judá; porquanto Acázias não tinha filho”. (As notas entre parênteses são do autor deste artigo).

II Rs. 8.16 – “Ora, no ano quinto de Jorão, filho de Acabe, rei de Israel, Jeorão, filho de Jeosafá, rei de Judá, começou a reinar”.

Vamos simplificar as afirmações:

II Rs. 1.17 diz que, no segundo ano do reinado de Jeorão em Israel, Jorão começou a reinar em Judá.

II Rs. 8.16 diz que, no quinto ano do reinado de Jorão em Judá, Jeorão começou a reinar em Israel.

Será que estamos diante de uma contradição bíblica? Qual rei começou a reinar primeiro?

Eis que a complicação nos aparece. Por descuido, e até agora não percebido, truncaram-se as situações. Leiamos os passos pelas narrativas bíblicas:

2Rs 1,17: *“E ele morreu, conforme a palavra de Iahweh, pronunciada por Elias. Jorão tornou-se rei em seu lugar, no segundo ano de Jorão, filho de Josafá, rei de Judá, uma vez que ele não tinha filhos”.*

2Rs 8,16: *“No quinto ano de Jorão, filho de Acab, rei de Israel – sendo Josafá rei de Judá, Jorão, filho de Josafá, tornou-se rei de Judá”.*

Em 2Rs 1,17 está dito coisa diferente do que aquilo que foi citado pelo contraditor; lá se tem que Jorão de Israel subiu ao trono quando já fazia dois anos que Jorão era rei de Judá e não que dois anos depois de iniciado o reinado de Jorão de Israel, começou a reinar Jorão em Judá. Simplificando:

crítico: Jorão de Judá inciou no 2º ano de Jorão de Israel,

texto: Jorão de Israel inciou no 2º ano de Jorão de Judá.

Se Jorão de Judá iniciou o seu reinado em 848 a.C., então, segundo esse passo (2Rs 1,17), Jorão de Israel teria iniciado em 846 a.C.; mas a cronologia nos aponta o ano de 852 a.C. (2Rs 8,16) como o dessa ocorrência.

Nota-se a mesma confusão em 2Rs 8,16; o contraditor afirma que Jorão de Israel começou a reinar no 5º ano de Jorão de Judá, quando o texto bíblico diz no 5º ano de Jorão de Israel subiu ao trono Jorão de Judá, o que, conforme a cronologia, seria o ano de 848 a.C.

Assim, pelos dois textos não dá para se estabelecer cronologia alguma, pois, por um deles, Jorão de Judá iniciou no 2º de Jorão de Israel, e este não pode, ao mesmo tempo, ter iniciado seu reinado num período de reinado de Jorão de Judá. Exemplificando: suponhamos que você, caro leitor, trabalhe numa determinada empresa e, na hora do seu café, está conversando com seu amigo Clarêncio, quando junta-se a vocês um empregado novato, que lhe dirige a pergunta: “Quanto tempo trabalha aqui na empresa?” Você lhe responde: “Quando eu entrei o Clarêncio tinha cinco anos de casa”. E, depois o curioso, volta-se para Clarêncio e indaga: “E, você amigo, quando tempo tem?”. Clarêncio, responde: “Eu estou aqui há pouco tempo, quando foi admitido esse cara aqui (você leitor), já tinha dois anos de fichado”. É a mesma situação para o caso desses dois reis – Jorão de Israel e Jorão de Judá -, mas, para que se tenha um melhor entendimento, com os dados que dispomos, vamos colocar isso numa tabela cronológica.

ano	Israel			Judá		
<b>1ª Opção: 2Rs 1,17: Jorão de Israel subiu ao trono no 2º ano de Jorão de Judá</b>						
855	Acab-20º		Elias	Josafá-18º		
854	Acab-21º		Elias	Josafá-19º		
853	Acab-22º/Acazias-1º		Elias	Josafá-20º	Jorão-1º	
852	Acazias-2º	Jorão-1º		Josafá-21º	Jorão-2º	
851		Jorão-2º		Josafá-22º	Jorão-3º	
850		Jorão-3º		Josafá-23º	Jorão-4º	
849		Jorão-4º		Josafá-24º	Jorão-5º	
848		Jorão-5º		Josafá-25º	Jorão-6º	
847		Jorão-6º			Jorão-7º	Elias
846		Jorão-7º			Jorão-8º	
...		...				
841		Jorão-12º		Acazias		
<b>2ª Opção: 2Rs 8,16: Jorão de Judá subiu ao trono no 5º ano de Jorão de Israel</b>						
855	Acab-20º		Elias	Josafá-18º		
854	Acab-21º		Elias	Josafá-19º		
853	Acab-22º/Acazias-1º		Elias	Josafá-20º		
852	Acazias-2º	Jorão-1º		Josafá-21º		
851		Jorão-2º		Josafá-22º		
850		Jorão-3º		Josafá-23º		
849		Jorão-4º		Josafá-24º		
848		Jorão-5º		Josafá-25º	Jorão-1º	
847		Jorão-6º			Jorão-2º	
846		Jorão-7º			Jorão-3º	
845		Jorão-8º			Jorão-4º	
844		Jorão-9º			Jorão-5º	
843		Jorão-10º			Jorão-6º	
842		Jorão-11º			Jorão-7º	Elias
841		Jorão-12º		Acazias	Jorão-8º	

Vemos, então, que as duas opções são inconciliáveis, para se manter a cronologia dos fatos; de duas uma: ou Jorão de Judá iniciou seu reinado em 852 ou em 848; isso porque os dois anos de início, ao mesmo tempo, tomando-se os dois passos (2Rs 1,17 e 2Rs 8,16), coloca-nos diante de um evidente conflito, que só com abdicação da capacidade de raciocinar

poder-se-á aceitar como verdadeiro esse claro erro ou contradição na Bíblia. Pode até ser que não haja problema algum, caso os tradutores da Bíblia de Jerusalém tenham razão, quando afirmam, em relação a 2Rs 1,17, que “Este dado, que não combina com 3,1, pertence a outro sistema cronológico” (p. 507).

No que se refere ao passo 2Rs 8,16, alguns textos bíblicos, como os das Bíblias Shedd, Vozes, Anotada e de Jerusalém, narram que, quando Jorão assumiu o poder, Josafá, seu pai, ainda estava reinando, entretanto, nenhuma delas, ao citar o período de reinado dos envolvidos, colocam qualquer tipo de corregência, talvez tenham se baseado no livro de Crônicas que nada fala do assunto, ou quem sabe se em Flávio Josefo. Fora isso ainda temos que tal procedimento não era costume entre os judeus.

A primeira opção (2Rs 1,17) é a que Russell Norman Champlim (1933- ) e J. M. Bentes (1932- ) adotam na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* (vol. I, p. 1005-1006); aliás, até o presente, a única que encontramos dessa forma, que tem o passo 2Rs 1,17 como base para o início do reinado de Jorão de Judá, enquanto que a segunda (2Rs 8,16) é a adotada por vários exegetas e tradutores bíblicos, conforme mencionado anteriormente. Mesmo que a considerássemos como sendo a verdadeira, ainda resta um espaço de tempo entre “o sumiço” de Elias e a sua carta a Jorão de Judá, que, calculamos, foi por volta de 5 a 6 anos, como poder-se-á ver na tabela.

Quando encontrarmos contradições ou erros na bíblia, estejamos certos de que os errados somos nós e precário o nosso entendimento.

Ao ler esse pensamento do crítico, não pudemos deixar de lembrar-nos de Bart D. Ehrman (1955- ):

Aqueles dentre nós que fizeram experiências de novo nascimento consideravam-se cristãos “de verdade” – em oposição àqueles que simplesmente iam à igreja por obrigação, que não conheciam verdadeiramente Cristo em seus corações e que simplesmente se deixam levar por impulsos sem nenhum conteúdo real. Um dos modos de nos diferenciar desses outros era o nosso compromisso com o estudo da Bíblia e com a oração. Especialmente com o estudo da Bíblia. O próprio Bruce era um homem da Bíblia: ele frequentara o Moody Bible Institute de Chicago e podia dar uma resposta tirada da Bíblia para qualquer pergunta que se pudesse imaginar (e que nenhum de nós jamais imaginaria). Logo, logo, passei a ter inveja de sua capacidade de citar as Escrituras e comecei a estudar a Bíblia, a aprender alguns textos, a entender a sua importância e até mesmo a decorar os versículos-chave.

Bruce me convenceu a tentar me tornar um cristão “sério” e a me dedicar por inteiro à fé cristã. Isso significava estudar as Escrituras em período integral no Moody Bible Institute, o que, entre outras coisas, implicaria uma drástica mudança de estilo de vida. No Moody, havia um “código” de ética que os estudantes tinham de assinar ao entrar: nada de beber, fumar, dançar, jogar cartas, nada de cinema. E Bíblia na veia. Costumávamos dizer que no “Moody Bible Institute, Bíblia era o nosso segundo nome”. Acho que eu o encarava como uma espécie de acampamento cristão militarizado. Pelo sim, pelo não, resolvi não usar meias medidas no que dizia respeito à minha fé: matriculei-me no Moody, entrei e lá permaneci até o segundo semestre de 1973.

A experiência no Moody foi intensa. Decidi me formar em teologia bíblica, o que significava encarar muito estudo bíblico e vários cursos de teologia sistemática. Ensinava-se uma só perspectiva em todos esses cursos, inscrita por todos os professores (eles todos assinavam um termo de compromisso) e por todos os estudantes (nós também o assinávamos): a Bíblia é a palavra infalível de Deus. Ela não contém erros. É completamente inspirada e é, em todos os seus termos, “inspiração verbal plena”. Todos os cursos que fiz pressupunham e ensinavam essa perspectiva; qualquer outra era considerada desviante e até mesmo herética. Acho que alguém pode chamar isso de lavagem cerebral. Para mim, era um grande passo avante, que me afastava da tímida visão da Bíblia que eu tivera na qualidade de um episcopaliano em processo de socialização em minha primeira juventude. Aquilo era cristianismo intransigente, para os verdadeiramente comprometidos. (EHRMAN, 2006, p. 13-14). (grifo nosso).



O processo de lavagem cerebral é, convenhamos, tão eficaz que o crente, submetido a ele, não se dá conta disso; e, o que é pior, ainda continua achando que está completamente correto, apesar das evidentes contradições bíblicas. Fica na esperança que os outros “encontrem a Jesus” como ele. Sinceramente: preferimos não encontrar esse Jesus aí, pois teríamos que abdicar de nossa capacidade de raciocinar usando a lógica e a razão, para ter que crer no que os líderes religiosos passam como verdade.

Dá para complicar um pouco mais? É possível. Veja:

II Rs. 3.1 – “Ora, Jorão, filho de Acabe, começou a reinar sobre Israel, em Samaria, no décimo oitavo ano de Jeosafá, rei de Judá, e reinou doze anos”.

O início do reinado de Josafá se deu em 872 a.C., assim o décimo oitavo ano seria 855 a.C.; mas a cronologia nos aponta o ano de 852 como sendo o início do reinado de Jorão, filho de Acab, rei de Israel.

Agora a confusão está completa e bastante incrementada pela semelhança dos nomes. Afinal, Jorão começou a reinar sobre Israel no segundo ano do reinado de Jeorão de Judá, ou no décimo oitavo ano do rei Jeosafá de Judá?

Sim, não resta dúvida e o próprio contraditor, como demonstramos, foi pego por ela.

Para sairmos desse nó (cego), precisamos conhecer um pouco dos costumes antigos. Algumas vezes, um príncipe começava a reinar enquanto o rei, seu pai, ainda era vivo (IRs. 1.43; IIRs. 15.5; Dn. 5.1,29). Foi o que aconteceu nesse caso.

Vamos aos passos citados para comprovação.

a) 1Rs 1,43: *“Jônatas respondeu a Adonias: ‘De fato; o rei Davi, nosso senhor, acabou de proclamar Salomão rei!’.*

Não há uma só linha na qual se possa afirmar que Davi, após proclamar Salomão rei de Israel, tenha permanecido no poder, numa corregência com o filho; aliás, o que encontramos é justamente o que nos leva ao contrário disso: *“Quando ficou velho e cheio de dias, Davi entregou a seu filho Salomão a realeza sobre Israel”* (1Cr 23,1) e *“Salomão assentou-se no trono de Iahweh para reinar no lugar de Davi, seu pai. Prosperou e todo o Israel lhe obedeceu”.* (1Cr 29,23). De fato, no Dicionário Bíblico Barsa, lemos: *“Perto da morte, Davi fez consagrar a rei Salomão, filho de Betsabé (3Rs 1,34), falecendo pouco depois, em 872 a.C. (3Rs 2,10)”* (p. 71)<sup>1</sup>. (grifo nosso).

b) 2Rs 15,5: *“Mas Iahweh castigou o rei e ele foi atacado de lepra até o dia de sua morte. Permaneceu confinado num quarto; seu filho Joatão regia o palácio e administrava o povo”.*

Aqui temos Joatão exercendo o governo por conta do estado de saúde do seu pai, Ozias. Não houve corregência, apenas o filho assumindo o lugar do pai até que Ihe fosse transferida a realeza, fato que aconteceu pouco tempo depois: *“Ozias adormeceu com seus pais, foi sepultado com seus pais na cidade de Davi e seu filho Joatão tornou-se rei em seu lugar”.* (2Rs 15,7).

c) Dn 5,1.29: *“O rei Baltazar deu um grande banquete a seus altos dignitários, que eram em número de mil, e diante desses mil pôs-se a beber vinho. Então Baltazar ordenou que revestissem Daniel de púrpura e lhe pusessem ao pescoço uma corrente de ouro e proclamassem que ele ocuparia o terceiro lugar no governo do seu reino”.*

No presente caso a apelação foi bem maior que nas duas anteriores, pois Daniel apesar de sido escolhido entre “alguns jovens da família do rei e também das famílias nobres” (Dn 1,3-4) para servir na corte do rei Nabucodonosor, quando a Babilônia subjuga os hebreus, levando-os cativos. Nesse passo o seu filho, rei Baltazar, dá um cargo especial a Daniel.

<sup>1</sup> Os atuais livros 1Sm, 2Sm, 1Rs e 2Rs, eram, respectivamente, denominados de: 1Rs, 2Rs, 3Rs e 4Rs, conseqüentemente 3Rs 1,34 e 3Rs 2,10 correspondem, na ordem, a 1Rs 1,34 e 1Rs 2,10.

Entretanto, pode-se dizer, de pouca utilidade prática, pois continua a narrativa: *“Nessa mesma noite, o rei Baltazar foi assassinado e Dario, o medo, tomou o poder, estando já com a idade de sessenta e dois anos”*. (Dn 5,30-6,1).

Do ano de 950 a 720 a.C. os judeus foram governados por reis, trinta e cinco ao todo, incluindo os do período da divisão do reino em Israel e Judá (931 a.C.). O contraditor apresenta três casos para justificar a corregência como “costume da época”; desses um é totalmente fora de propósito, e os outros dois restantes não se aplicam o caso.

No décimo sétimo ano do seu reinado, Jeosafá nomeou seu filho Jeorão como rei em Judá. Portanto, durante alguns anos, Judá teve dois reis, o pai e o filho. Tal medida tinha por finalidade garantir a sucessão real através daquele filho, dificultando que outra pessoa, até mesmo outro filho, assumisse o governo quando o pai morresse. Isto fica evidente no fato de que, após a morte de Jeosafá, seu filho Jeorão mandou matar todos os seus irmãos (II Cr. 21.4).

Em parte alguma temos que Josafá tenha nomeado seu filho Jorão rei em Judá no décimo sétimo ano do seu reinado; o que temos, e já foi dito, é que ele, Jorão, subiu ao trono no quinto ano do reinado de Jorão, filho de Acab, em Israel (2Rs 8,16).

Quem, segundo relato bíblico, subiu ao trono no décimo sétimo ano do reinado de Josafá, foi Ocozias (ou Acázias), filho de Acab, mas no reino de Israel (1Rs 22,52); portanto, nada tem a ver com o reino de Judá, no qual governou Josafá. Mas, supondo-se tal época a data correspondente seria 856 a.C., quando a cronologia nos aponta o ano de 848 a.C., que também é o ano da morte de Josafá, data na qual Jorão de Judá sucedeu a seu pai (1Rs 22,51; 2Cr 21,1).

Depois de se sentir consolidado no governo, após suceder a seu pai, Josafá, é que Jorão manda matar a seus irmãos; certamente, para evitar que eles voltassem os seus olhares para o seu reinado, com a intenção de destroná-lo.

Assim, o décimo oitavo ano do reinado de Jeosafá em Judá era também o segundo ano do reinado do seu filho Jeorão, também em Judá. Foi quando começou o reinado de Jorão, filho de Acabe, em Israel, conforme IIRs. 1.17 e IIRs. 3.1 e IRs. 22.50.

No décimo oitavo ano do reinado de Josafá em Judá, segundo narrativa, quem subiu ao trono foi Jorão, filho de Acab, em Israel (2Rs 3,1), o que nos levaria ao ano de 855 a.C., quando a cronologia nos aponta o ano de 848 a.C., como início do reinado de Jorão em Judá (1Rs 22,50). Também não poderia ser o segundo ano do reinado de Jorão de Israel, pois cronologicamente este ano foi o de 851 a.C.

No quinto ano do reinado de Jorão sobre Israel, morreu o rei Jeosafá de Judá, e seu filho Jeorão assumiu sozinho o trono (IRs. 22.50). Portanto, foi um novo começo para ele, conforme IIRs. 8.16. Considerando esta como a efetiva entronização de Jeorão em Judá, fica parecendo que o seu governo tenha iniciado depois de Jorão em Israel.

Mas, conforme já demonstrado, em 2Rs 8,16 temos o início do reinado de Jorão em Judá, que veio a coincidir com o quinto ano de Jorão em Israel; portanto, este último teve início de reinado antes de Jorão de Judá.

Portanto, não existem erros nem contradições nem espiritismo nessa história. Se misturarmos os fatos dos livros de Reis e Crônicas, conforme fizemos no início, imaginando que a ordem em que os livros aparecem na bíblia corresponda à cronologia, criaremos fantasias espetaculares (Deus nos livre). Reis e Crônicas (e parte de Samuel) são relatos paralelos e não consecutivos. Sua relação é semelhante à existente entre os quatro evangelhos.

Às pessoas que seguem o “creio, ainda que absurdo” ninguém conseguirá, mesmo, provar erros e nem contradições em qualquer história bíblica. As narrativas apresentam sérios conflitos de datas que só conseguimos desvendar apoiando-nos em um estudioso do assunto.

E em relação ao Espiritismo, a única coisa que julgamos útil falar é que seria ético estudá-lo antes de se iniciar a atacá-lo; que se tenha mais conhecimento do que a média dos espíritas; aí, talvez, esteja preparado para julgá-lo com mais propriedade. Aliás, sempre estamos a dizer: Quem teme julgamentos ou críticas é porque, no seu inconsciente, não crê estar com a verdade.

Se, porém, tomarmos apenas os livros de I e II Reis para análise, encontraremos a linha cronológica de modo mais evidente, mesmo porque, na bíblia hebraica, os dois compõem um só livro. Então, vejamos:

I Rs. 22.50 – O rei Jeosafá morreu e seu filho Jeorão assumiu o trono.

II Rs. 2.11 – Elias foi arrebatado.

Portanto, Elias teve tempo e todas as condições normais para enviar uma carta normal (pelos correios?) para o rei Jeorão. Não se trata de carta do além, nem psicografia (graças a Deus).

Apoiando-nos na cronologia:

ano 853 a.C. - Elias foi arrebatado (2Rs 2,11);

ano 848 a.C. - morte de Josafá, Jorão de Judá assume reinado (1Rs 22,51; 2Rs 8,16; );

ano 842 a.C. - Jorão de Judá recebe uma carta de Elias (2Cr 21,12).

Assim, se não se tratar de carta do além, como quer fazer ver o contraditor, então, ele, Elias, não estava no céu, mas em algum outro lugar desconhecido. Aliás, foi essa a possibilidade que levantamos no texto original. A hipótese de psicografia surge se se acreditar que Elias tenha de fato morrido àquela época (854 a.C.). Seria até interessante que aqui colocássemos o passo onde ela é citada, no qual se está falando do reinado de Jorão de Judá:

*“Com efeito, ele abandonara Iahweh, o Deus de seus pais. Foi ele também que fundou lugares altos nas montanhas de Judá, que fez os habitantes de Jerusalém se prostituir e fez Judá se extraviar. Chegou-lhe então um escrito do profeta Elias, que dizia: “Assim fala Iahweh, o Deus de Davi, teu pai. Porque não seguiste o comportamento de Josafá, teu pai, nem o de Asa, rei de Judá, mas imitaste o exemplo dos reis de Israel e és a causa da prostituição de Judá e dos habitantes de Jerusalém, como o foi a casa de Acab, e porque, além disso, mataste teus irmãos, tua família, que eram melhores do que tu, Iahweh vai ferir com um grande flagelo teu povo, teus filhos, tuas mulheres e todos os teus bens. Tu mesmo serás afligido por numerosas doenças, por uma moléstia nas entranhas de tal modo que, dia após dia, tuas entranhas sairão de teu corpo”.* (2Cr 21,10-15).

O teor da carta nos remete a duas hipóteses; 1ª que tudo descrito nela foi apenas algo revelado a Elias e 2ª que Elias sabia de tudo quanto estava acontecendo e profetizou o fim da vida de Jorão. Se os fatos se deram dessa última forma, então, Elias, depois do suposto arrebatamento, ainda viveu algum tempo durante o reinado de Jorão de Judá, até, possivelmente, uma data bem próxima à qual lhe envia essa carta.

Mas, por falar em psicografia, temida pelo crítico (ou ridicularizada?), há um fato bíblico interessante. Se foi Salomão o autor de Eclesiastes então pode-se considerar esse livro como autêntica psicografia, uma vez que nele está afirmado que *“fui rei em Israel em Jerusalém”* (Ecl 1,12), e como Salomão reinou até a sua morte, a conclusão é óbvia: psicografia pura.

Conforme II Rs. 1.17, Elias estava na terra, vivo, em corpo (carne e ossos), alma e espírito (afinal, sou tricotomista), ao mesmo tempo em que reinavam Jorão em Israel e Jeorão em Judá. Os três foram contemporâneos. Logo, o profeta poderia escrever uma carta para Jeorão, sem dificuldade (e sem mediunidade). E se, de outro modo, Elias não estivesse na terra, Deus usaria Eliseu para levar a mensagem ao rei. Afinal, ele sucedeu Elias para quê? Só pra ganhar a capa? Não.

Voltamos a insistir: o arrebatamento de Elias se deu no ano de 853 a.C.; Jorão, filho de Acab, ainda não reinava em Israel, fato acontecido no ano seguinte, ou seja, 852 a.C. e Jorão, filho de Josafá, só iniciou o seu reinado no quinto ano do reinado de Jorão de Israel. Então,

Elias não viveu no mesmo tempo de reinado dos dois reis citados. Porque Deus usou Elias para mandar uma carta a Jorão em Judá e não quis usar Eliseu é coisa que não temos como saber.

O texto de I Rs. 3.1, que cita o início do reino de Jorão em Israel, é uma recapitulação do assunto, pois a posse do monarca já tinha sido relatada em 1.17. Logo, não ocorreu após o arrebatamento de Elias descrito no capítulo 2.

Sim, mas quando da posse de Jorão de Judá (848 a.C.) Elias já havia sido supostamente arrebatado (853 a.C.), data imediatamente anterior ao início do reinado de Jorão de Israel.

Podemos continuar a leitura de II Reis até o fim. Se começarmos a ler I Crônicas, que vem logo a seguir, precisaremos estar conscientes de que, depois das genealogias, o livro vai recontar a história dos reis de Israel e Judá. Só falta a turma da heresia mal feita dizer que Davi morreu em I Rs. 2.10 e reencarnou em II Cr. 2.15. Na sequência das crônicas, os monarcas já citados aparecerão novamente no texto e Elias também (II Cr. 21.12). Esta última referência corresponde ao final do primeiro livros dos Reis (compare I Rs. 22.50 com II Cr. 21.1).

Não iremos dizer que Davi reencarnou em 2Cr 2,15, pois sabemos, por estudo, e não por teólogos nos terem informado, que os textos contam a mesma história e não os torcemos a nosso favor para justificar nossa crença; apenas os analisamos, buscando evitar que, justamente essas interpretações de conveniência, venham a influir naquilo que devemos entender dos textos bíblicos. Por outro lado, não pensaremos assim, uma vez que não sofremos lavagem cerebral; no nosso lado pode-se criticar tudo, pois o efeito de uma crítica bem feita é, em última instância, o de reforçar aquilo que é verdadeiro.

Quando Elias aparece em 2Cr 21,12 (842 a.C.), ocasião da entrega da sua carta a Jorão, ele, segundo os relatos bíblicos, já havia sido arrebatado (853 a.C.); temos que insistir nisso. Inclusive, conforme já o dissemos, esse fato é reconhecido pelos tradutores da Bíblia de Jerusalém: "De acordo com a cronologia de 2Rs, Elias tinha desaparecido antes do reinado de Jorão de Israel (2Rs 2; 3,1) e, portanto, antes de Jorão de Judá (2Rs 8,16; cf. no entanto 2Rs 1,17). O cronista deve utilizar uma tradição apócrifa." (p. 607). Essa informação é importante, pelo motivo de que nessa tradução havia católicos e protestantes, que, seguramente, não colocariam algo que iria deixar em risco a veracidade da narrativa. É justamente por isso que a tomamos por verdadeira, num primeiro momento, e por, também, ela ir em abono à cronologia que apresentamos num outro.

E para não ficar somente nos tradutores da Bíblia de Jerusalém, apresentamos também o tradutor Russell P. Shedd (1929- ), teólogo evangélico, que assim explica o passo:

Elias já havia subido aos céus antes da entrega da sua carta (cf. 2Rs 3,11), que soaria como uma voz de condenação vinda do além. Elias talvez profetizara os crimes de Jorão, com os castigos que lhe sobreviriam, à sua família e à sua nação. Elias, também, foi formidável oponente de Jezabel, mãe de Atalia, e sogra de Jorão. (Bíblia Shedd, p. 640).

Fantástica a hipótese que levanta de que a carta "soaria como uma voz de condenação vinda do além", isso é bem inusitado por vir da boca de um evangélico.

Os apologistas do espiritismo querem provar, a qualquer custo, que Elias tenha morrido para que possam justificar sua suposta reencarnação em João Batista. Ainda não foi desta vez.

Mas se queremos provar, a todo custo, como ele quer dizer, que Elias morreu, estaremos simplesmente confirmando o que Jesus dissera de João Batista ao afirmar: "E, se quiserdes dar crédito, ele é o Elias que havia de vir" (Mt 11,14). E, tão certo Jesus estava que não fariam o mínimo esforço para entendê-lo, completou: "Quem tem ouvidos, ouça!" (Mt 11,15).

Por hoje é só. Encerro citando as palavras de Jesus: "Errais não conhecendo as escrituras nem o poder de Deus". Misericórdia! Amém.

Anísio Renato de Andrade

Bacharel em Teologia

[www.geocities.com/anisio Renato](http://www.geocities.com/anisio Renato)

Quem provou não conhecer as escrituras foi o contraditor, que, certamente, negará isso até a morte. E frase por frase, Jesus também disse: "*Invalidais a palavra de Deus pela tradição que transmitistes*" (Mc 7,13).

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Abril/2009.

#### Referências bibliográficas:

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, Vol. I*. São Paulo: Candeia, 1995.

EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?*. São Paulo: Prestígio, 2006.

FINOTTI, P. *Ressurreição*. São Paulo: Edigraf, 1972.

JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

SCHULTZ, S. *História de Israel*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia do Peregrino, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.

Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.

Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave Maria, 1989.

Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.

Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.

Bíblia Shedd, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.

Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.